

Dieter Duhm

A SOCIEDADE DE GUERRA E A SUA TRANSFORMAÇÃO

*Não haverá paz no mundo
Enquanto houver guerra no amor*

Diariamente somos confrontados com notícias de todas as partes do mundo. O acontecimento que deu origem a este texto foi o assassinato brutal de Luís Eduardo Guerra, coordenador de uma aldeia de paz na Colômbia, juntamente com sete habitantes da aldeia, entre os quais jovens mulheres e crianças. É um daqueles pormenores diários que hoje em dia acompanham a guerra da globalização à escala mundial. Agora a nossa amiga Gloria Cuartas, que como presidente da Câmara protegeu a cidade de Apartadó na Colômbia durante anos, recebe ameaças de morte. Estamos em contacto com estas pessoas há anos. Uma guerra parecida à da Colômbia está hoje a acontecer em muitas partes do mundo. É por isso que o texto que se segue não se refere apenas a um país mas sim à situação do mundo inteiro.

A guerra global tem as suas raízes nas estruturas mais profundas da nossa civilização e como tal não pode ser impedida apenas através de apelos à paz, esclarecimentos ou resistência. O trabalho pela paz global precisa de um conceito global novo para um futuro sem guerra.

A indústria de guerra é uma componente fixa da nossa civilização. Se queremos um futuro sem guerra, temos necessidade de uma nova civilização, uma nova forma de convivência e uma maneira diferente de habitar o planeta. Paz verdadeira não é um *slogan* mas sim uma forma diferente de vida e de sociedade. Ela deriva de estruturas sociais que não destroem mas, ao invés, fomentam valores básicos humanos tais como compaixão, confiança, apoio mútuo e solidariedade. Para construir estas novas comunidades é necessária uma cooperativa mundial de pessoas determinadas. Este texto é para todos os que estão prontos e aptos a construir ou apoiar com todos os meios uma tal cooperativa.

Os EUA estão a preparar as próximas cruzadas no contexto da sua “nova ordem mundial”. Eles projectam o “Greater Middle East“, uma enorme zona de livre comércio desde Marrocos até ao Paquistão. É neste contexto que se planeiam as guerra contra o Irão e outros países, p.e. a Síria. A despeito de todas as declarações diplomáticas atenuantes, é evidente que esta guerra, tal como a do Iraque, estava projectada muito antes de se procurarem as supostas armas de destruição maciça.

As ruas das aldeias e cidades do Irão, nas quais hoje ainda brincam as crianças, poderão brevemente parecer as de Falludjah, a cidade destruída no Iraque.

Sabe-se realmente o que significa “guerra”? Conhece-se realmente a dor indescritível de pessoas sufocadas debaixo de escombros, mutiladas ou queimadas? A guerra é isto e apenas isto. Os cartéis de poder económico, político e militar sabem que através das suas políticas de conquista crianças morrerão queimadas, de frio ou de fome- e ainda assim fazem-no. Eles sabem que famílias serão dilaceradas e comunidades destruídas- e ainda assim fazem-no. Falam de paz, de liberdade e de democracia e matam todos os lutadores pela liberdade que se interponham no seu caminho. Eles construíram um mundo de consumismo que produz escravatura, desespero e colapso no outro lado do Mundo. Por detrás dos números da bolsa está o sofrimento de inúmeras pessoas e animais. Mais pessoas do que alguma vez morreram numa guerra morrem como consequência da colonização e da globalização. Será possível

continuar a desfrutar dos nossos privilégios e restringir os nossos esforços a palavras? Temos de encontrar meios reais para libertar o Mundo da guerra.

Somos parte indirecta da guerra porque não temos tempo para compreender o que realmente está a acontecer. A nossa cultura está organizada de tal maneira que ninguém tenha tempo para compreender o que se realmente se passa. Nós participamos na guerra porque somos parte de uma civilização que gera a guerra em todo o lado. A guerra é uma componente da nossa civilização, da nossa economia, do nosso consumismo e das nossas ideias acerca da vida. A nossa própria sociedade ocidental vive da indústria e do comércio de armas, da guerra contra a natureza, da guerra contra povoados e camponeses do “terceiro mundo”, da guerra contra o amor, da guerra contra as nossas âncoras mentais/espirituais e contra os locais que são um lar para a espécie humana. Esta guerra faz vítimas no Afeganistão ou no Iraque, na América Latina ou na Palestina, mas também faz vítimas onde há supostamente paz e democracia: nos escritórios e nas fábricas, nas escolas e nas famílias, nas relações amorosas e nos casamentos destruídos, na situação dos jovens desenraizados, no sofrimento sexual dos jovens, nas redes pedófilas (como foram descobertas na Bélgica e recentemente em França e na Espanha). E finalmente na situação desesperada de pessoas que já não conseguem suportar a rede de mentiras da cultura existente: a cada 30 minutos alguém comete suicídio na Alemanha.

E não farão também parte da guerra diária os matadouros, as produções de peles e os laboratórios de animais? Será realmente necessário que o progresso de uma cultura esteja ligado a tal sofrimento no mundo animal?

Há uma solução. Podemos reconhecê-la quando observamos com suficiente distância mental/espiritual o Todo da vida actual na Terra.

Considere a Terra como um organismo vivo cujos órgãos estão interligados através de certas frequências. Você mesmo é um órgão neste organismo. Através dos seus pensamentos, palavras e actos, certas frequências são emitidas e estas servem ou a paz ou a guerra.

Reconhecerá que ainda é parte integrante da guerra global enquanto for guiado pelos pensamentos habituais de medo, raiva e vingança. Então, crie espaços onde possa encontrar a força para não mais dar ressonância ao poder da guerra, nem no mundo nem em si mesmo. Tais espaços podem ser: Centros especiais de seminários, centros espirituais, caminhos de peregrinação, comunidades.

Reconhecerá que vítimas e agressores estão frequentemente ligados por estruturas análogas e que você mesmo poderia ser tanto vítima como agressor.

Trata-se de uma estrutura de sofrimento profundamente comum e historicamente desenvolvida, que cria tanto a vítima quanto o agressor. Também os agressores foram vítimas antes, também a eles foram roubados a confiança, o amor e o local onde se sentiam em casa. Também eles provêm de condições de vida que produzem violência. Alice Miller investigou e descreveu as condições de vida de conhecidos violadores. Em criança, o ditador sérvio Milošević presenciou o suicídio de ambos os seus pais. Mesmo no caso do mais brutal assassino pode pôr-se a velha pergunta de Mignon: o que fizeram contigo, pobre criança?

Compreenderá que não se trata de sentimentalidade mas sim de um facto colectivo básico da nossa civilização actual. O drama do desenraizamento, o drama das relações amorosa desastrosas, o drama das crianças sem lar, o drama da dor de separação e da solidão humana já não são problemas privados. Este é o drama social e humano dos nossos tempos. Por detrás da epidemia global mundial de violência impiedosa reside a experiência de uma dor com a qual não se consegue lidar de outra maneira.

Este é o cerne da questão global que temos de trabalhar hoje. A questão é: como pôr um fim e superar a produção de dor de separação, de medo de perda e de solidão? Ou, mais positivamente: como é que criamos condições reais para a vida e para o amor que apoiem o

crescimento de confiança e da solidariedade entre todos os seres? Não precisamos apenas de uma solução para as vítimas. Precisamos de uma solução para o Todo da Humanidade. E, *last but not least*: necessitamos também de uma solução para o mundo animal.

Imagine que haveria vários locais na terra, com algumas centenas de pessoas cada um, a partir dos quais uma informação concentrada de paz é enviada com alta intensidade para as frequências do Mundo. Elas teriam paz entre si, paz entre os sexos, paz entre adultos e crianças, paz com os seres da natureza. O circuito global do medo e da violência seria radicalmente interrompido nestes locais. Que efeito teria isto no Todo? O que quer que aconteça a uma parte do Todo, pode acontecer ao Todo também- porque estamos todos interligados através de um código único de vida (DNA), de uma informação básica única e de uma estrutura holográfica única. Por outras palavras, isto significa: uma mudança radical na maneira de vivermos entre nós e com os seres da natureza, se realmente acontecesse em alguns locais, teria grandes probabilidades afectar o Todo no contexto da criação de campos morfogenéticos.

Não diga demasiado cedo que isto não é realista. No universo múltiplo existem muitas possibilidades de existência. Aquela que de entre as muitas é escolhida e concretizada depende das decisões que tomamos. Não deveria uma humanidade que teve a inteligência suficiente para desenvolver armas auto-guiadas ter a inteligência de, numa acção comum, concretizar uma alternativa positiva?

Permaneçamos por mais um momento no espaço onde preconceitos são substituídos pelo pensar.

Existe uma “visão objectiva” da paz que está ancorada como uma possibilidade real na estrutura da realidade. Esta “visão objectiva” não está sujeita à vontade subjectiva. Esta visão é a imagem primordial do filme holográfico do universo, o cerne entelequial de todas as coisas; ela resulta do sistema de ressonância do mundo, está incorporada no código genético de todas as células e é acessível como forma de pensar na nossa consciência. Podemos chamá-la de Matriz Sagrada.

Nos séculos passados houve a tentativa de expressar esta Matriz Sagrada em harmonias numéricas, em padrões geométricos, em proporções de templos e catedrais. Como pessoas de hoje, porém, temos de transferi-la para condições reais de vida, de trabalho, de habitação e de amor, para técnica e organização, para estruturas sociais e para ética ecológica. **A sociedade necessita de um novo sistema operativo para concretizar o código da paz.** A civilização existente é um sistema operativo de domínio, medo e violência. A Matriz Sagrada é um sistema operativo de abertura, transparência e de conectividade. **Criar os primeiros centros e modelos a funcionar para este novo sistema operativo é a tarefa actual da humanidade. Nós chamamo-lhes de “Aldeias pela Paz” ou “Biótopos de Cura”.**

Se a criação de novas comunidades que sejam coerentes com a Matriz Sagrada resultar nalguns locais da Terra, então gerar-se-ia, muito provavelmente, um efeito de campo global capaz de libertar forças de paz e de cura que hoje em dia ainda estão ocultas por medo e preocupação. Por favor conceda-se tempo para compreender este processo. (É como se um filme holográfico tivesse sido sensibilizado por um raio laser com um novo ângulo: surge uma imagem nova, a realidade transforma-se.)

O caminho para superar a guerra não termina numa profundeza de espírito esclarecida. O mundo não precisa apenas de boas pessoas, acima de tudo precisa de novas formas reais de vida para um futuro sem guerra. Ele precisa de modelos para uma nova civilização, para que possamos começar a habitar o nosso planeta de uma nova maneira que seja coerente com as leis da vida.

Para realizar a paz, temos que saber o que a paz é. Temos de aprender as regras da confiança e do amor, tão nova e profundamente como se estivéssemos na Terra pela primeira vez. Nós abordamos áreas que eram, até agora, atribuídas à religião ou à psicologia profunda. Mas não será esta exactamente uma característica do novo modo de pensar: compreender que estas “áreas internas” do ser humano têm um significado político eminente? Não será uma questão política de primeira linha a ruína diária de milhões de pessoas devido à frustração amorosa, ao ódio e ao ciúme?

Aprendemos as leis da paz universal ao aprender as leis da confiança na comunidade universal. Porque toda a vida existe em comunidade. Se queremos sobreviver precisamos de novas formas de comunidade: comunidade com pessoas e povos, com animais e plantas, com todos os seres da natureza e da criação. Precisamos de comunidades de coevolução, de cooperação e apoio mútuo de todos os participantes, porque todos seguem o mesmo instinto da vida, todos são conduzidos pelo ser, pela consciência, pelo código genético, todos juntos formam a grande família da vida na terra.

A redescoberta da comunidade, a capacidade de viver em comum, a prontidão para a cooperação com todos os seres- esta é a tarefa-chave do nosso tempo. A conhecida bióloga Lynn Margulis pô-la nestes termos:

Se quiséssemos sobreviver às crises ecológicas e sociais que criámos, provavelmente seríamos obrigados a envolver-nos em empreendimentos comunitários inteiramente novos e dramáticos.

A banda de rock alemã “Die Ärzte“ (“Os Médicos”) cantou:
*A tua violência é apenas um grito mudo por amor.
As tuas botas militares anseiam por ternura.*

A ligação entre a falta de amor e a prontidão para a violência é aqui claramente apontada. Eles continuam:

Nunca aprendeste a articular-te e os teus pais nunca tiveram tempo para ti. (...) Porque tens problemas que não interessam a ninguém, porque tens medo do carinho, por isto tu és um fascista.

Estas são ligações que temos de ver e mudar, se queremos por fim à guerra.

A expansão colectiva da violência que vivemos na Terra é a explosão de energias que estiveram reprimidas e bloqueadas por muito tempo, energias que não cabiam no sistema estabelecido. Os rapazes americanos que atravessam Bagdad em tanques e alvejaram casas ao som de música alta - eles vêm dum contexto que foi incapaz de dar uma direcção positiva a estas energias transbordantes. Sabine Lichtenfels, co-fundadora do Biótopo de Cura Tamera em Portugal, escreve:

*A guerra vem de energias retidas por muito tempo.
A guerra vem de considerares parte da tua alma como má,
de a julgares e assim privares continuamente o Mundo desta parte da tua força,
até que esta rebenta por si própria e se torna destrutiva.*

Nestas circunstâncias, podemos compreender as crueldades sádicas que acompanham cada guerra, p.e. as torturas sexuais no Iraque.

Pergunta-se a um jovem porque está ele nos mercenários. Ele responde: Porque quero tornar-me num homem a sério.

Não superaremos estes problemas apenas por resistência política e apelos morais ou profundidade de espírito. Precisamos definitivamente de novas maneiras de convivência, novas comunidades e novos espaços da vida, em que seja possível tornar-se num homem a sério por meios mais brandos, onde não tenhamos medo do amor e não precisemos de botas militares para esconder os nossos desejos.

Se queremos pôr um fim à guerra, temos de acabar com ela onde nasce e cresce todos os dias: nas nossas condições de vida diárias, no stress constante do trabalho estúpido e monótono, nos métodos de maximização e distribuição de lucro, nos escritórios e fábricas, nas escolas e famílias, nas tragédias do amor, nas nossas ideias do que é ser homem ou ser mulher, nas nossas ideias de sexualidade e de amor, nas gaiolas demasiado pequenas da nossa vida profissional, social e sensual.

Queremos que a juventude do Mundo não vá mais para a guerra?

Precisamos então de objectivos de vida mais altos, de uma vida que valha a pena viver e de melhores oportunidades para dar um sentido activo à força da juventude.

Queremos terminar com violência sexual à escala mundial? Então temos que criar condições de vida reais nas quais a alegria sexual possa ser experienciada sem violência, sem humilhação e sem restrições desnecessárias.

Queremos acabar com os abusos a crianças? Construamos então condições de vida onde não passe pela cabeça de ninguém ver uma criança como um objecto sexual.

Queremos libertar o mundo do despotismo, da traição e da mentira? Construamos então condições reais nas quais despotismo, traição e mentiras já não tenham uma vantagem evolutiva.

Não apenas sonhar, falar, desejar, apelar mas **construir, realmente construir!** O mundo mudará para melhor apenas quando demonstrarmos que tal é possível. Para isto, temos de criar modelos convincentes. Os conhecimentos existem ou estão em franco desenvolvimento e aguardam a sua junção em locais adequados. Para a implementação de Aldeias pela Paz orientadas para o futuro, conceitos sociais assim como tecnológicos estão prontos a usar mas até agora não puderam ser realizados na escala necessária devido à falta de apoio financeiro e de divulgação (ver www.tamera.org). Se tiver dinheiro, por favor apoie o desenvolvimento de tais modelos. Se for jornalista, então ajude a difundir esta informação positivamente. Se for conhecido, por favor utilize o seu nome e influência para a redistribuição do dinheiro no sentido da paz.

Temos de fazer tudo isto se tivermos a séria intenção de terminar a actual guerra no Mundo.

Agradecemos à *amnesty international* e a todos os grupos de paz pelos seus esforços. Sentimo-nos ligados às pessoas que protegem a vida em muitos locais do mundo e resistem à injustiça global. Mas adicionalmente temos de tornar visível o alvo positivo da humanidade. Criemos os primeiros modelos convincentes e materializemos os conceitos existentes. Alegramo-nos desde já por todos aqueles que queiram cooperar connosco neste sentido. O mundo precisa agora da união dos/as mais dedicados/as trabalhadores/as pela paz para criar um novo Fórum na Terra: uma cooperativa mundial para um futuro sem guerra.

Em nome das nossas crianças e de todas as gerações vindouras.

Ao serviço de todos os seres.

(Maio 2005)

Mais informações:

IGF (Institut für Globale Friedensarbei- Instituto pela Paz Global)

Biótopo de Cura I Tamera

Monte do Cerro, 7630 Colos, Portugal

Email: igf@tamera.org

www.tamera.org

www.igf-online.org (em alemão)